

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CARTA BRANCA A DAVID STENN
22 e 31 de julho de 2025

HOOP-LA / 1933

HOOPLA, A DANÇARINA VERMELHA

Um filme de Frank Lloyd

Realização: Frank Lloyd/ Argumento: Bradley King, Joseph Moncure March, baseado na peça *The Barker* de John Kenyon Nicholson/ Fotografia: Ernest Palmer/ Som: Joseph Aiken/ Direcção Artística: William Darling/ Montagem: Margaret Clancy/ Música: Louis De Francesco/ Figurinos: Rita Kaufman/ Intérpretes: Clara Bow (Lou) Preston Foster (Nifty), Richard Cromwell (Chris), Herbert Mundin (Hap), James Gleason (Jerry), Minna Gombell (Carrie), Roger Imhof (Colonel Gowdy), Florence Roberts (Ma Benson)
Produção: Frank Lloyd Productions, Fox Film Corp./ Cópia: MoMA, 35mm, legendada eletronicamente em português/ Duração: 80 minutos/ Estreia mundial: 30 de novembro de 1933/ Estreia em Portugal: cinemas Odeon e Palácio, 9 de maio de 1934 (distribuição: CCP/Companhia Cinematográfica de Portugal)

“Recomendamos... que a cena seja remontada, de forma que Miss Bow tenha alguma roupa vestida quando estiver a nadar... e que o *fade-out* em que o par cai de costas seja eliminado.” Assim constava do relatório de James Wingate, responsável pela monitorização, implementação e cumprimento do Código de auto-policiamento e auto-censura imposto aos (e aceite pelos) estúdios de cinema (aceitação, desde logo, como forma de prevenir a atuação direta (ou seja, legislativa) do Governo na indústria cinematográfica, sobre HOOP-LA. Mas o filme estreia sem os sugeridos cortes ou alterações no final de 1933, em Nova Iorque, e Will Hays – diácono da Igreja Presbiteriana, anterior presidente do Partido Republicano, e o homem por cujo nome o referido Código seria conhecido (*A Code to Govern the Making of Talking, Synchronized, and Silent Motion Pictures*, de 1930, coloquialmente entendido como uma listagem do que “Não fazer e ter cuidado”) – intervém, escrevendo à Fox sobre este “erro”: “I know you will want to take steps immediately to correct this mistake”. Duas semanas depois, um novo *memorandum* do mesmo James Wingate informava superiormente que o filme (já) “não expõe as partes íntimas do corpo e não expõe mais do que tem sido visto em diversos outros filmes recentes”.

Terceiro filme com Clara Bow realizado por Frank Lloyd (que no mesmo ano dirige CAVALCADE, pelo qual ganharia o Oscar de Melhor Realização), HOOP-LA é também o último filme da atriz, que se retiraria do cinema aos 28 anos de idade após um ritmo alucinante e frenético de 4/5 filmes por ano em 1927-1930 (num total de 57 filmes de 1922 a 1933).

HOOP-LA é um dos muitos filmes sonoros produzidos para substituir um filme mudo, neste caso relativamente recente (THE BARKER, de 1928, realizado por George Fitzmaurice e

com Milton Sills, Douglas Fairbanks, Jr. e a também *flapper* Dorothy Mackaill). Em HOOP-LA, Clara Bow interpreta Lou, uma das dançarinas de *hula* de uma feira itinerante (Gowdy Big City Shows), que se apaixona pelo ingênuo filho do gerente da *troupe* e tem de provar ao pai que o seu amor é verdadeiro. E o “happy-end” final, na Feira Mundial de Chicago, faz eco com as declarações de Bow, em 1927, à revista *Motion Picture*: “I think a modern girl’s capable of keepin’ a job *and* a husband”.

Mas este não era o argumento que Clara Bow pretendia (queria mostrar que podia ser uma atriz séria, e aguardara até à exaustão – no ano anterior, fizera apenas um filme, CALL HER SAVAGE, o primeiro do contrato para dois filmes produzidos pela Fox – e finalmente à desistência por um tema que fosse mais do que a repetição da fórmula vencedora que a tornara a primeira “IT Girl”. “Estou farta”, disse. “Não quero ser recordada como alguém que não conseguia fazer nada a não ser despir-se. Quero uma coisa a sério agora”.

Vendo HOOP-LA, não é difícil perceber que Dominick Dunne tenha a dado momento dito que Clara Bow era “Marilyn Monroe décadas antes de Marilyn” (veja-se, por exemplo, a cena da devolução do anel, que recorda a da devolução da tiara em GENTLEMEN PREFER BLONDES). Nunca se encontraram, mas trocaram mensagens e, quando Monroe morreu, Bow terá dito: “Um símbolo sexual é um fardo pesado para carregar quando se está cansada, magoada e desnorçada”. Antes, dissera a Hedda Hopper e Louella Parsons “entrego a minha velha coroa de ‘IT’ Girl não a Taylor ou a Bardot mas a Monroe”. Afinidades.

Teresa B. Borges